



...SITO LENA  
- O. MAR. 1975

# OS RIDÍCULOS

N.º 220 - 16-1-75

DIRECTOR: SILVA NOBRE

PREÇO - 7\$50



**É ESTA A IDEIA  
"DELES" QUANDO SE  
FALA EM "ARRASTAR  
AS MASSAS..."**



## QUADRAS À SOLTA

O CAPITAL ANDA À RASCA,  
PORQUE LHE VÃO AOS FAGOTOS  
MAS, SEMPRE SE DESENRAÇA. . .  
SÃO TODOS UNS RAPAZOTES! . . .

MUITAS VEZES, SABES TU,  
POR ENGANO OU DESEGNANO,  
UM BOM PONTAPÉ NO. . . SÍTIO,  
FAZ A SORTE DE UM FULANO! . . .

FAZ-ME CERTA CONFUSÃO,  
VER TIPOS QUE PREVARICAM  
CULPAREM A "REACÇÃO",  
DOS ACTOS QUE ELES PRATICAM!

NÃO HÁ MENTIRA NENHUMA,  
QUANDO SÊ DIZEM VERDADES. . .  
A LIBERDADE É SÓ UMA  
MAS, HÁ MUITAS LIBERDADES! . . .

QUE A MULHER FAÇA VALER  
OS SEUS DIREITOS — ESTÁ BEM. . .  
MAS, NUNCA PODERÁ TER,  
DIREITOS QUE O HOMEM TEM! . . .

CADA CABEÇA É DIF'RENTE,  
NA GUERRA COMO NA PAZ. . .  
UNS, QUEREM HOMENS NA FRENTE  
— OUTROS, QUEREM-NOS ATRÁS! . . .

ARIM



Esta semana as honras de grandes pontos vão todas direitinhas para os gloriosos, imponentes, sacrificados, altruistas e humanitários Estados Unidos. E bem o merecem, coitados. Imaginem vocês que visto o Governo de Saigão ter sofrido sérios reveses militares nos últimos tempos, seguiu no dia 7 deste mês para as águas sul-vietnamitas uma força da gloriosa armada dos Estados Unidos chefiada pelo maior navio de guerra do mundo — o porta aviões "Enterprise" —.

Atrás dele, numa parada espectacular de heroica imponência seguiram mais onze vasos de guerra, para tomarem posições ao largo da costa do Vietnam do Sul.

Quem foi que disse para aí coisas da guerra do Vietnam? Vocês sempre me saíram uns intriguistas. . .

Claro que outro grande ponto é o nosso habitual fornecedor Kissinger. Esse que também é um anjo de paz (se vocês lhe virem as asas brancas um pouco amarrotadas não se admirem: é das constantes viagens de avião) fez agora umas declarações giras: disse que realmente aquelas atitudes dos árabes do petróleo pois claro eram uma chaticie, e porque torna e porque deixa e aquilo não podia deixar-se ir assim como eles queriam, e que naturalmente qualquer dia tinham que levar um aperto. Um aperto? Oh coitados! Mas porquê? Porquê? Why? You are very stupid! Então What do you want? You are como os gajos! What you want is lulul! Você não saberr? Nós ser Estados Unidas! Very importante nation! Nós dar porrada! Nós chegar lá, misturar pitrol com árabes e fazer goma arábica e elastical pastilhas deles!

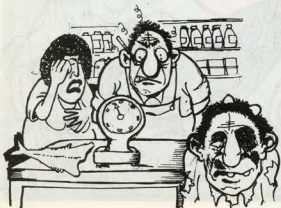
Claro que há carros que gastam mais gasolina do que outros. E toda a gente sabe que o Ford gasta muita gasolina. Daí talvez o facto de Ford andar de muito boas relações com o Irão. Que Irão eles fazer juntos? O facto é que muitos "Fordistas" andam preocupados com a subida generosidade de Ford. . .

O governo americano decidiu pôr ouro à venda — uma coisa que até agora era proibida por lei. E naturalmente contava que todos os americanos fossem no bote de dar o seu rico dinheirinho só para ter umas barritas do metal amarelo. O pior é que eles parece que não foram nisso, e o mercado do ouro ficou às mostas.

O que é que eles agora irão pôr em leilão?

## UM CASO DA SEMANA

- Então "pá", que foi isso? Tens a "lata" num lindo estado! . . .
- Fui comprar bacalhau. . .
- E depois. . .?
- Depois, disse à mulher do merceeiro para me mostrar o rabo e o marido pôs-me neste estado!





# ORA CONTE-NOS... O SEU BAIRRO PRECISA DUMA RUSGA DO COPCON?



EU ACHO QUE NÃO HA  
DIREITO QUE ANDEM  
ASSIM A PERSEGUIR  
A FINANÇA E AS  
PROFISSÕES  
LIBERAIS!...

PRECISA DE QUÊ?  
Ó AMIGO CÁ O MEU  
BAIRRO PRECISA  
DE TUDO... NEM  
QUE SEJA RUSGAS!



LADRÃO



HABITANTE DE  
UM BAIRRO DE LATA

PORRA!

NÃO HA' DIREITO...  
LEVARAM A RAPAZIA-  
DA MAIS SELECTA  
CÁ DA  
COMUNIDADE!...



DONA  
DE  
PENSÃO  
DO  
CONDE REDONDO

AI NÃO ME  
FALEM EM  
RUSGAS...  
ATUREI TANTOS  
ANOS O  
PARENTE!...



HABITANTE DO  
RESTELO



RECEPTOR DO  
CASAL  
VENTOSO

A verdade é que eu sou uma pessoa compreensiva. E também — isso é obvio — altamente erudita.

Desta vez pergutaram-se se os mosquiteiros tinham alguma coisa que ver com as moscas.

Com efeito a origem etimológica é praticamente a mesma: A importan-

acabado, e nunca mais tinham dado nada. Como assim não aconteceu, deram muita coisa.

Deram por exemplo para alimentar as antigas guerras, os Mosquetes, que entravam em acção quando em qualquer terra havia mosquitos por cordas: e depois duma boa carga de mosquetes, já se sabe que tudo voltava no local atacado a ficar às moscas.

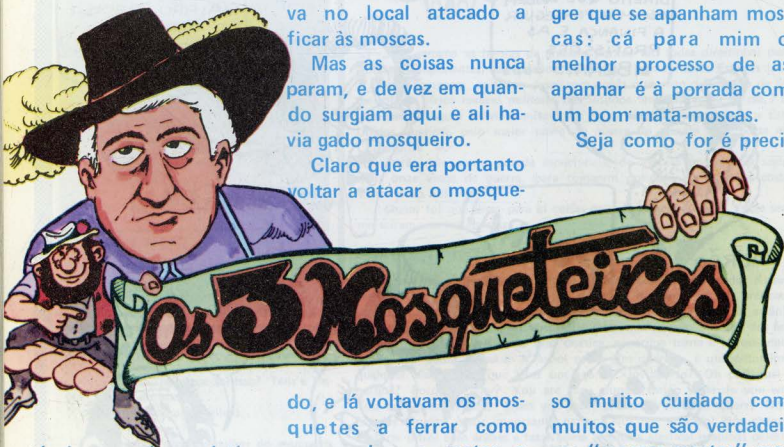
Mas as coisas nunca param, e de vez em quando surgiam aqui e ali havia gado mosqueiro.

Claro que era portanto voltar a atacar o mosque-

assim a modos como informadorzécós, ou similares, mas também as gordas moscas de todas as origens e até multinacionais, chegando até aos poderosos e aferroantes moscardos, mesmo de grande força económica.

Claro que muitas vezes mal se dá pela acção do mosquiteiro: toda a gente sabe que não é com vinagre que se apanham moscas: cá para mim o melhor processo de as apanhar é à porrada com um bom mata-moscas.

Seja como for é preci-



tíssima palavra latina MUSCA, que deu em português essa incomodativa mosca, deu muitas outras coisas.

Claro que se por alturas do século II ou III já se tivesse inventado o Flit ou a Bomba. Qualquer coisa, as moscas tinham

do, e lá voltavam os mosquetes a ferrar como moscardos, e meter a maioria silenciosa das moscas, na ordem de forma a não as deixar entrar pelas malhas do mosquiteiro. Porque isso de mosquiteiro é uma figura de retórica: mas a verdade é que um bom mosquiteiro detém mosquitos,

so muito cuidado com muitos que são verdadeiras "moscas-mortas" mas que estão bem vivas com o seu inocente ar.

Para isso existem vários métodos e vários antidotos. Um dos mais eficientes que até hoje foi experimentado é um copo especial, chamado Copo Com, e que foi pre-



cisamente experimentado com grande sucesso em inúmeros casos em que se verificava claramente que havia quem estivesse com a mosca.

Daí o facto de se contar efectivamente com a colaboração dos Três Mosqueteiros, figuras de bem conhecidos, dumas e doutras que decididos a

acabar com as moscas — seres infecto contagiosos altamente perigosos, — se uniram numa eficiente coligação de limpeza, muito mais importante daquela que os uniu no passado para defender o colar da rainha.

Com efeito os Três Mosqueteiros — ATHOS CUNHAL, PORTOS

SOARES e ARAMIS CARNEIRO, com a azogada colaboração do célebre D'ARTAGNAM OTHELO, desembainharam as espadas sob a paternal orientação do SENHOR DE TRÉVILLE GONÇALVES, e decidiram acabar com as moscas.

Por causa das moscas.



# BOATOS

— Fica sabendo: isto está por pouco. Mais dia menos dia... rebenta... Vais ver.

Depois não te queixes...

— É pá, mas o que é que eu hei-de fazer? Agora já não há nada a fazer... **BLA... BLA...**



— Está quase, pá. Está quase! Isto não se aguenta... está por um fio!

— Não me digas, pá! Se souberes como eu ando preocupado!

**BLÁ... BLÁ...  
... BLÁ... BLÁ...  
BLAA...**

— Eu não te dizia? Isto já não se aguentava mais! Tinha que rebentar, e rebentou!

— Chica, pá, eu nunca pensei que fosse assim...

— Agora aguenta-te pá. Vê se consegues disfarçar o melhor possível...



— Então, como vai isso, pá?

— O quê? O furunculo? Então depois daquele dia em que rebentou, isto melhorou... Agora é só mudar o penso de dois em dois dias. Obrigadinho pelo cuidado!

PAG. 6

**O "QUÊ" QUE ELE QUERIA  
DIZER COM O "TÁ DESPEDIDO"**



# TREINAR É QUE É BOM...

Pois é... isto de ser Bonito. treinador é uma chatice. Antegamente ainda as Tem as suas vantagens, mudanças de treinadores claro: faz-se figura de faziam-se no fim do ano,



grande importância, vêm títulos nos jornais, vem entrevista, vem retratos declarações importantes. Agora é que... compreende-se que a caracte- ou no fim do campeonato, ou em casos desesperados nas alturas em que a lanterna vermelha se começava a vislumbra. E nessa altura... lagar-



rística psicoideológica da moderna técnico-tática com aliciantes... evidentemente que iremos empregar os nossos conhecimentos e a nossa dedicação ao desporto, porque é para ele que vivemos... e que... vamos confiar nos rapazes... to, lagarto, (isto sem ofensa para os leões!) vamos depressa mudar de treinador — diziam os clubes; vamos depressa cavar daqui (diziam os treinadores). E enquanto um saía em humilde silêncio pela esquerda baixa, entrava outro confiado e confian-

te, pela direita alta. E lá voltavam os títulos nos jornais, as entrevistas, os retratos, as declarações importantes. Então é que... compreende-se que a característica psico-ideológica da moderna técnico-tática com aliciantes, evidentemente que iremos empregar os nossos conhecimentos e a nossa dedicação ao desporto, porque é para ele que vivemos... e que... vamos confiar nos rapazes...

Bonito. Depois as grandes complicações financeiras que eram os contratos por uma época ou por duas épocas, e os receios de indemnizações de rescisões e de confusões, deixaram de ser coisa importante: se pagar pagou, se não pagar não pagou; se receber, recebe se não receber não recebe: e pronto. Agora já não há cerimónias e já é moda mudar de treinador aos domingos ao fim da tarde.

Realmente é mais cómodo e mais simples. Que diabo! Para que é tanta esquisitice?

Até dá mais entusiasmo aos desafios: a gente passa a perguntar assim aos amigos:

— É pá sabes se o Frguito joga hoje?

— Joga, sim pá! Ainda bem que o gajo é bestial! Fazia ali falta!

— E a guarda redas continua o Damas?

— Claro, então podia lá faltar? Sabes? Quem treina hoje é o Manel!

— O quê? Então hoje não alinha a treinador o Francisco?

— Não pá. Esse hoje vai treinaro jogo do Argolinhav. Sabes, os gajos estavam aflitos e pediram... mas também o Oriental mandou o treinador deles para o Atlético. Comprendes: eles

bocado fracotes na linha do banco por isso...

— Claro, pá! Desporto é desporto! Não é à fanga, como antigamente! A mania de terem um treinador só para eles, só para lixar os outros! Ago-



não têm uma boa linha de defesa, têm bom ataque, mas estavam um

ra ao menos, com a democracia, a malta quando precisa dum treinador pede um a outro clube para o jogo a seguir e depois torna a dá-lo, sem estar estragado nem nada!

— Assim é que é desporto!

— Mais nada!





— Vossa Excelência dá-me licença?

Olhei desconfiado para o homezinho bem vestido que assim me interplava durante as horas do serviço. As minhas horas de serviço são poucas. Para aí umas 25 por dia. Por isso não posso perder tempo com senhores bem vestidos.

Vocês percebem, eu sou um repórter. O meu patrão ainda não foi saneado, é dos bérás, daqueles que até arriam porrada se a gente não faz o serviço todo que ele quer. E o que ele quer que eu faça é reportagens. Ora reportagens só interessam se forem com tipos esquisitos, fóra do vulgar. Nada daquilo. Mas como eu sou uma alma compassiva e boa sempre respondi ao gajo:

— Vá à merda e não me chateie. O que é que você quer?

— Desculpe... queria que o senhor me indicasse um bom hotel... mas uma coisa mesmo em bom...

Mudei de tática. O gajo afinal podia ser alguém importante que servisse para entrevistar.

— Bom... a gente tem muitos hotéis. Mas quer mesmo assim uma coisa em bom? Olhe que os presos...

Não, os presos não me preocupam. Sabe, eu tenho bastantes rendimentos. Posso mesmo dizer que tenho rendimentos... intermináveis...

Mudei mais dois tons à minha música:

— Porreiro. Então já lhe posso recomendar uma coisa boa... conhece ali o Casal Ventoso?

Gaita... perdi-o conhecido, sim senhor. Mas sabe eu sofro de bronquite e não posso estar em sítios tão arejados. Preferir um sítio mais calmo...

— Ah, o senhor conhece Lisboa?

Conheço, e conheço todos esses bairros típicos. Sabe, a minha actividade é a de agente da tia...

— Da tia, talvez...  
— Não senhor, da tia. É da minha tia Miquelina, que tem

# O AGENTE DA TIA

uma casa de praço. Eu arranjo os fornecimentos para a loja dela...

— Essa aprai! Então o senhor, de dez ser agente comercial, arranja fornecimentos para a sua tia? Que raio de actividade é essa?

— Meu caro senhor, actividade não me falta. Fiquê sabendo que raro é o dia em que eu não vou para a cama estufado. Estufado de trabalhar. Sim, porque eu parto-me de trabalhar! É por isso que eu tenho que estar bem instalado... para poder estar em formal!

— Então o Casal Ventoso não serve? Olhe que há bastantes locais muito recatados...

— Havia. Agora tem andado um boacado agitado. E eu preciso descansar, repousar o corpo e o espírito.

— Mas afinal, em que é que consiste o seu trabalho? O senhor diz que tem rendimentos...

— Pois tenho. É o rendimento do meu trabalho. Claro que há dias melhores e outros piores: mas até hoje ainda não me dei-tei um único dia sem ter justificado o meu labor...

— Trabalho violento, não?

— Bom, violento, violento... não se pode chamar. Eu detesto a violência. É por isso mesmo que eu quero viver num sítio calmo e sossegado.

— Mas o senhor parece uma pessoa ágil...

— Sou um desportista, meu caro senhor! Eu já pensei até inscrever-me nas provas de atletismo dum clube qualquer. Mas isso tinha inconvenientes...

Inconvenientes? Por que?

— Bem vê, eu todos os dias faço atletismo, mas apenas na minha vida profissional. Se fosse todos os domingos fazer provas era capaz de ficar a ser

muito conhecido e isso depois era um grave inconveniente para a minha profissão...

— Não percebo porquê! Até lhe daria popularidade, e talvez lhe arranjasse mais possibilidades de trabalho...

— Isso é o que o senhor pensa! O meu trabalho tem que ser muito discreto, para ser rendoso...

— Então...

— Pois! O senhor acha que correr os cem metros sem ninguém ou quase ninguém dar por isso é coisa fácil? Pois eu

faço isso todos os dias, e várias vezes ao dia...

— Estou a ver. O senhor é contrabandista!

— Credol! Que ofensa! Vossa Excelência não pretende certamente ofender-me! Contrabandista, eu? Antes vig-

ristal! Pelo menos é mais digno!

— Não me diga! Então ao certo o que é que o senhor é?

— Promete não dizer aos Copês?

— Prometo. Exprema-se!

— Sou gatuno de estício.



ESTE MALANDRO ESTÁ FARTO DE ROUBAR POR ARROMBAMENTO E CHAVE FALSA

DEIXA LÁ... COITADO... ESTE É MAIS PACÍFICO SÓ USOU LETRAS, LIVRANÇAS E FINANCIAMENTOS

Mas dos bons, ouviu? Olhe que eu sou capaz de lhe palmar o relógio de pulso mesmo quando o senhor estiver a ver as horas...

— Acredito. Mas não experimente porque este não presta. A sua tia não dava nada por ele.  
— Isso vi eu logo. Se não fosse isso já cá cantava. Então que hotel me aconselha?

— Oh homem, mas você vai roubar no hotel?

— Que ideia! Eu já lhe disse que sou gatuno de estício. O meu trabalho é nas ruas, nas estações de comboios, à entrada dos barcos... sempre em campo livre! Gosto de ar livre! Respira-se melhor!

— Então era o que eu dizia! No Casal Ventoso era melhor...

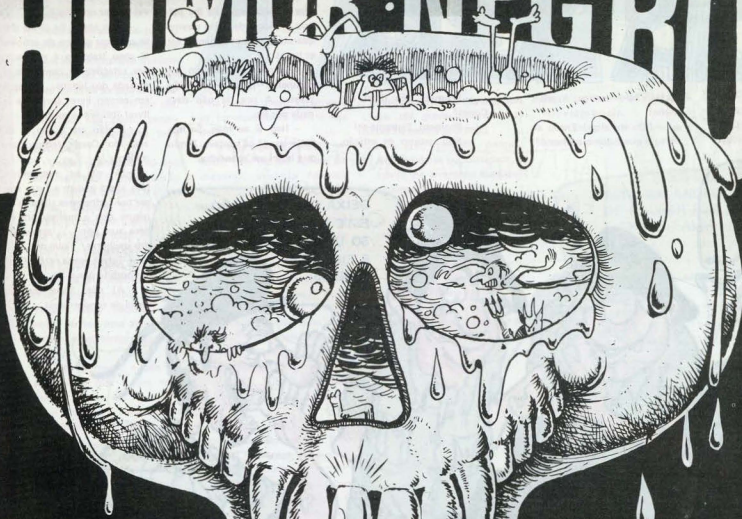
— Afivi eu, meu amigo. Mas agora andam a fazer rugas por todos esses sítios, e eu pensei que o melhor era vir para um hotel... assim um dos melhores... que diz?

— Talvez tenha razão. Olhe um bom tempo o Xe...

— Af não. Sabe: eu não gosto de concorrência...



# AMOR: NEGRO



## A SENTENÇA

— Levante-se!

Faz-se silêncio na vasta sala do severo tribunal. O condenado estava pálido. Naquele momento ia ser decidido o seu destino. O seu crime fora denunciado, investigado, acareado e confirmado. As suas mãos tremiam agora como não tinham tremido quando cometera o acto infame que o tinham levado à negrura das infamias e agora o amarrava ali à barra do tribunal.

— Tem alguma coisa a alegar em sua defesa?

A pergunta — ele sabia-o — era mera formalidade. Os juizes tinham já chegado ao fim do seu trabalho. Agora meia dúzia de palavras iriam resumir a condenação pelo seu nefando acto. E ele tombaria para sempre no esquecimento, talvez na negrura do esquecimento total.

De que servia dizer alguma coisa em sua defesa? Defesa de quê? Dalgum resto de esperança de que a vida voltasse atrás e ele não tivesse sido levado aquele extremo?

Recordava-se perfeitamente de tudo quanto tinha sucedido: primeiro o seu romance de amor, depois a louca tentativa para procurar a fortuna que lhe permitiria unir a sua vida à daquela deliciosa criatura que era a razão da sua vida. E por ela ele arrostara com as iras da população, e cometera vilanias. Por ela ele escrevera outros homens, e servindo-se do seu poder de então, atirara-os para uma luta sem quartel, e tantas e tantas vezes os vira rolar pelo chão, sem sequer se deter a lamentá-los. Em vez disso mandara outros no seu lugar para a luta, para aquela luta desesperada em que nenhum podia recuar. E ele bem sabia porque estava agora ali na hora da explicação: ele é que os tinha mandado, ele é que era o

único responsável por todos os que tinham tombado, ele é que tinha dado friamente as ordens para atirarem, fosse como fosse, fosse em que circunstâncias fosse, desde que fosse contra os que se lhe opunham.

E afinal... de nada tinha servido. Aqueles que tinham caído inutilmente. Os tiros que ele tinha mandado atirar, não lhe tinham servido para se firmar no poder.

Tinha jogado tudo por tudo e tinha perdido. De que servia dizer agora alguma coisa em sua defesa? Era melhor conservar um resto de dignidade e ouvir em silêncio a sentença.

E as palavras do presidente caíram, duras e pesadas como grilhetas, mal disfarçadas pela inflexão de falsa compaixão com que eram ditas:

— Acredito que o lamento. Mas não posso em minha consciência fazer outra coisa. Em virtude dos maus resultados obtidos, o senhor terá que deixar de ser o treinador do nosso clube...



Os bancários, ao que-  
rerem 15 meses de orde-  
nado em cada ano, numa  
altura em que muitos não  
têm nem sequer a espe-  
rança de um mês, de-  
monstraram ser uns  
grandecíssimos camara-  
das, não acham? Desem-  
pregado sem Banco.

Com os passeios cada  
vez mais cheios de auto-  
móveis, qualquer dia an-  
damos por cima dos teja-  
dinhos... Com a prática  
da "corda bamba" que  
temos, até andaremos  
melhor que pelo chão!



O MAIS ANTIGO  
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR  
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE  
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração e composição  
R. Conde Redondo n.º 12-2.º LISBOA  
Tel. 538585-537949-48668-563158

Impresso na Empresa Do  
JORNAL DO COMÉRCIO

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR  
REGIMPRESSA  
AV. D. JOSÉ I, LOTE 12  
REBOLEIRA - LISBOA

# DIÁLOGOS DA ÉPOCA

— Adeus ó escamúdo!  
— Vai lá chamar escamúdo  
ao teu bisavô...  
— O meu bisavô, por  
acaso, até era graúdo...  
— Eu logo vi... Por isso tu  
saíste um tipo especial!...  
— Especial, não... Cor-

quando eu era miúdo... E, nha dorsal...  
mesmo depois de crescido...  
quando não ganhava "p'ra"  
calças!  
— Também eu, "pá" —  
também eu andei com ele "à  
vela"... Mas, agora...  
— Agora, a falar verdade,

ram para aí às compras e só  
depois é que souberam que ti-  
nham sido levados...  
— Isso é verdade, "pá",  
isso é verdade... Mas se uma

AH! VENS DA MANIFESTAÇÃO?  
ENTÃO BEM PODES EMIGRAR  
P'RA'S CALDAS QUE DAQUI  
NEM A PONTINHA  
LEVAS!!!



rente, como vês...  
— Vejo-te a cara mas não  
te vejo o rabo...  
— Isso era dantes, "pá",

só quem quer, apesar da vida  
estar difícil... É que o mos-  
tra!

— Bem, no caso dos merce-  
eiros, eu acho que é uma obri-  
gação, um dever...  
— Ah, pois... Pelo que se  
viu na Televisão, eles são obri-  
gados mesmo a mostrar-nos  
tudo...  
— Tudo?! Lá isso... é a  
capaz de ser demais!

das...  
— E das "lingadas" que  
nos enfiam a vender língua  
por bacalhau!  
— E, não só isso, como  
sabes...  
— Ah, pois...  
— Mas, agora, como a gen-  
te já sabe disso tudo...  
— Pois sabemos mas...  
— Mas, quê!  
— Mas... se eles enfiam  
o barrete aos fiscais que anda-

peessoa desconfiar, pede uma  
factura, vai à Fiscalização...  
e eles lixam-se!  
— Pois é... E, depois,  
quando precisares de comprar  
fiado, onde é que vais?  
— Realmente...  
— Realmente, o que uma  
peessoa não pode, por enquan-  
to, é escamar-se com eles,  
mesmo que eles nos vendam  
escamúdo podre por bacalhau  
especial... bom!

PARA GRANDES MALES...

— transito...  
— consumo...  
— peso...

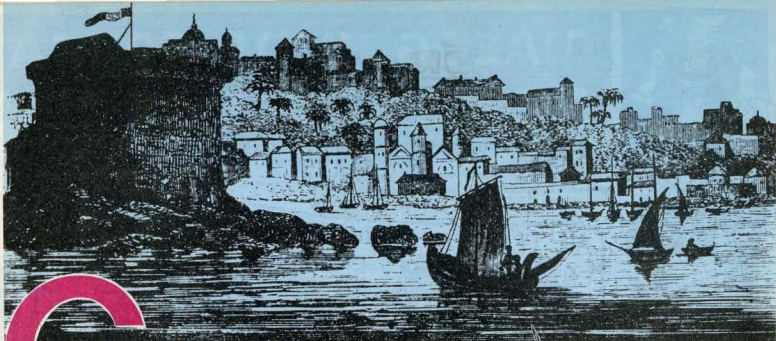
GRANDES REMÉDIOS!

**A HONDA**  
IBA, LDA.

AV. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO, N.º 59 - B - TEL. 768913







# Crônicas medievais

## PASTILHAS PARA A TOSSE

EL-REI

— E fiquei sabendo, senhora D. Briolanja: chegou a altura de vos dizer que finuei altamente desapontado com aquela festa de Natal que foi mais uma das vossas tristes ideias!

D. BRIOLANJA

— Oh, ingrato esposo que tão pouco mereceis as minhas constantes provas de carinho! Então vós acusais-me a mim? A mim, que esposa dedicada e amantíssima vos quis dar a alegria duma festa de família que nos confortasse a todos no nosso exílio?

EL-REI

— Não vos abespinheides, D. Briolanja! Realmente pensando bem... a vossa ideia talvez não fosse má. Mas por outro lado também não podeis dizer que eu tenho que ficar muito satisfeito com os presentes que me mandaram...

D. BRIOLANJA

— Não sei porquê! Presentes são presentes... e tudo o que é oferecido sabe bem. Pelo menos assim deve ser...

EL-REI

— Soides uma artolas, D. Briolanja, e deveis saber que a vossa mania de inaugurar todos os anos uma árvore de Natal ia dar bota. Essa mania que vos levou a espetar um pinheiro aqui nesta saleta, foi a causa...

D. BRIOLANJA

— A causa de vos mandarem presentes! E vós ainda vos queixaisdes!

EL-REI

— Mas vós sabeides os presentes que me ofereceram?

D. BRIOLANJA

— Senhor, que me ofendeis! Sendo embora a vossa esposa amantíssima, eu nunca me atreveria a bisbilhotar o vosso pacote!

EL-REI

— O meu real pacote não tem nada que ver com isto. O que importa é que seguindo com certa complacência a vossa ideia, eu coloquei na árvore em vosso nome um presente...

D. BRIOLANJA

— Não me faleides disso. Deixemos o presente como presente, e para bem das nossas relações de não agressão, dizelde-me que por falta de tempo mandasteides uma serva comprar-me um presente e não sabeides...

EL-REI

— Ah não, senhora D. Briolanja! Nem penseis em tal afronta! Fui eu próprio, em real pessoa, percebeides? Fui eu que fui comprar...



cont. na pág. 14

# AS GRANDES Reportagens do Passado



or sorte ainda tínhamos a nossa máquina infernal ligada por intermédio de duas mesas grandes de pé-de-galo, e uma pequenina (de pé-de-frango) quando entramos na nossa caverna de invocações. E ouvimos coisas lindas...

- Silêncio! Silêncio! Vão entrar os pretores que precedem a entrada de César Augusto!
- Qual Augusto?
- Calade-vos escravo perro e infiel! Vós pertenceis a outro inferno, não tendes que meter o bedelho aqui!
- Eu sou Artaxerxes, rei da Pérsia e filho de Xerxes! Não sou perro nenhum! E além disso fui convocado para este comício e tenho tanto direito de estar aqui como você!
- Pouco chiqueiro! Aí vem o César!
- Ave César! Como vai isso?
- Assim assim. Já chegaram todos os convocados?
- Falta a Maria...
- Antonieta?
- Não, a Simplesmente. Estava ali fora a convencer o Marco António a entrar na fotonovela...
- Desbragada criatura! Parece a Barbarela... Se a Cléopatra descobre que ele lhe salta a cancela, lixatus est!
- Onde está a minha guarda imperial?
- Foram ao forum!
- Desaforados! Hei-de-os forçar a mais uma campanha. Talvez uma nova campanha da Gália...
- A Gália? Nem penseis nisso! Nunca o conseguiredes!

- Porquê? Quem é este vasculho?
- Eu sou Napoleão, e nunca permitirei tal desaforo!
- Ah sim? Então aguentaide uma lasquinha: Já veio a imperial?
- Não temos imperial. Só há em garrafa. Serve? Está fresquinha!
- Ite ad merdam! Quem deixou entrar aqui este pinguinhas?
- Grande César, esta reunião e comício foi marcada para todos os grandes exploradores, e este abjecto ser é um estanqueiro do século vinte...
- Tem cara de padeiro! Acho melhor correr com ele. Dizeide ao meu bisneto Nero que o lance às feras!
- Não pode ser, César. As feras estão a dieta. Não podem comer carne de porco.
- Tá-tá-tá! Tá-tá-tá! Piiiiii!!!!
- Grande César, chegaram os trombeiros!
- Quem?
- Perdoaide: os trombeiros! Como sabeis nestes comícios há sempre música, e nós tentamos contratar os Beatles, mas não podiam vir porque estavam contratados já para um recital no purgatório. Mas conseguimos o Elton Jones...
- Isso não tem categoria imperial. Preferia a Tónica...
- Já não há tempo de a matar. Fica para o próximo comício. Podemos começar?
- Que horas são?
- Ao terceiro sinal serão onze horas e cinquenta e sete minutos. Beba cerveja Sa...
- A propósito: já chegou a imperial?
- Vem ali o Ramsés Segundo!
- Esquerdou ou direitou?
- Socialista.

- Não parece. Tem mais cara de ser do M.R. Pum Pum.
- Acreditaide, César, que não é. Pelo menos ele diz que é socialista...
- Isso também eu dizia e bem me lixei. Vamos ao que interessa. Quem é que está inscrito para falar neste comício?
- É aqui o senhor Napoleão e depois o faraó Tutankamone.
- Quem é esse gajo?
- É assim uma espécie do Kissinger. Anda a vadiar pelos diversos infernos.
- E a propósito: de que é que trata este comício?
- Da degradação das hipofises proletárias nas sociedades de consumo obrigatório.
- Tem a palavra o senhor Napoleão!
- Senhores! O éco das minhas palavras irá reboar pelo infinito! Eu peço igualdade!
- Isso são ideias avançadas! Não te çanses!
- Isso pensades vós, César! Lémbrade-vos que do alto desta pirâmides quarenta séculos me contemplam!
- E quantos Diários de Notícias?
- Poucos, porque tem muitos anúncios. Mas acerca de igualdade, perguntai-me aqui ao meu colega Tutankamone!
- Câmone, Tutankamone! Botaide a vossa fala, que se está a fazer tarde!
- Que horas são?
- Ao terceiro sinal serão exactamente doze horas. Piu... piu... piu...
- Interrompemos esta emissão para transmitir o noticiário.

(Bitorino: toca o hino!)



# amálgama

Rodeada de estúpidos por todos os lados, aquela rapariga era uma ilha de inteligência!



Se a fruta na Paraíso estivesse pelo preço que hoje está na Terra, Adão teria guardado a maçã para vender. . .



Morreu ao atarrachar uma lâmpada: a lâmpada acendeu-se e ele apagou-se!



AMOR: — Quatro letras para mil protestos!

— Olha, querido, afinal a minha mãe é quem paga o bolo para o ano. Saiu-lhe a fava!

— Pois sim. . . Mas quem paga as favas o ano inteiro sou eu!

Muitos amorosos não amam — gramam!



# PASTILHAS PARA A TOSSE

cont. da pág. 12

D. BRIOLANJA  
— Oh infeliz mulher que eu sou! Eu bem queria afastar do pensamento a ideia dessa humilhação! Mas vós, esposo cruel, não hesitades em desfazer as minhas ilusões. . .

EL-REI  
— Pois quê? Acaso vos não agradaram os meus presentes?

D. BRIOLANJA  
— Como podeis dizer isso? Então vós oferecides-me uma pasta Colgate, que é uma coisa que todos os pregoeiros, bufarinheiros e tendeiros clamam como remédio para o mau hálito, e quereides que eu fique contente?

EL-REI  
— Não percebo porque vos abespinhades: e verdade verdade, agora que estamos sós, devo dizer-vos que quando abris a taramela vem daí um pivete. . .

D. BRIOLANJA  
— Calaide-vos, senhor, que me ofindeides!  
EL-REI  
— Deixaide-vos de fitas! E não vos esqueçades que o vosso presente para mim. . .

D. BRIOLANJA  
— Que tendes a dizer ao meu presente? Acaso vos não agradou? Pois olhaide que esse pacotinho de lencinhos do mais suave e absorvente papel perfumado dar-vos-ão muito mais categoria para limardes o senil pingo do que os lenços de ramagens que usades. . .

EL-REI  
— Ah aquilo são lenços? Vede lá que eu pensei que fossem papeis portáteis de limpar o coiso. . .

D. BRIOLANJA  
— Ah e por isso penseis mal de mim! Enquanto que vós. . .  
EL-REI

— Mas isso não importa, senhora minha! Verdade seja que já quase os gástei todos, porque com as filhozes que vossa filha teimou em fazer e nos obrigou a todos a comer, tenho andado com umas cólicas e uns esguichos, que nem sabeides!

D. BRIOLANJA  
— Não digaiades mal de vossa estremeçada filha, que também vos fez uma gentil oferta!  
EL-REI  
— Gentil oferta! Vós chamaides gentil oferta ao que ela me ofereceu?

D. BRIOLANJA  
— Eu sempre ouvi dizer que oferecer um livro era uma prova de gentileza. . .  
EL-REI

— Talvez seja, mas para isso era preciso que esse livro não se chamasse Depoimento e não fosse escrito por um autor que na minha opinião devia ser queimado vivo pelo tribunal do Santo Ofício!

D. BRIOLANJA  
— Ah, pobre pequena! E ela que nem sabe disso! Podeis acreditar, meu senhor: fomos as duas ali ao quiosque da esquina do Itamaré e vossa estremera filha pediu ao estanteiro que lhe vendesse um livro de literatura moderna. . .

EL-REI  
— Pois podem limpar as mãos à parede com a oferta! Mas não é tudo! Sabeides o que era o resto das prendas?

D. BRIOLANJA  
— Como quereides que eu saiba? Já vos disse que não andei a bisbilhotar o que levavdes no vosso real pacote. . .

EL-REI  
— Então ouvide, e pasmaide: Além do vosso embrulhinho de papéis para limpar o pingo ou lá o que é, e desse miserável escrito do meu antigo secretário que se farta de dizer que fui eu o culpado das asneiras que ele fez e que resultaram neste nosso exílio, recebi de D. Patrício uma caixinha de pastilhas para a tosse. Ele disse-me que era o que sempre tinha usado muito embora estranho me pareça, pois nunca o ouvi tossir. . .

D. BRIOLANJA  
— Que estranha prenda essa! E vindo de D. Patrício. . . é caso para desconfiar! Já tomastes alguma?

EL-REI  
— Apenas provei uma. Como não tenho tosse. . .  
D. BRIOLANJA  
— Se eu fosse a vós não as tomaria. Quem sabe se ele vos pretende envenenar!

# ESTE MUNDO LOUCO EM QUE VIVEMOS

Na Alemanha surgiu um caso espantoso. Um homem, casado há treze anos com uma mulher (o que é naturalíssimo) criou uma alergia à sua cara metade. De cada vez que se chega ao pé dela (muito, muito ao pé), começa a ficar cheio de borbulhas.

A mulher que não tem borbulhas diz que a última vez que o marido ficou com borbulhas foi há três anos o que é francamente deprimente.

O caso teve que ser resolvido com um divórcio no qual os dois estavam bestialmente chatiados porque no fundo não tinham qualquer outra razão para se separarem senão as borbulhas dele quando. Mas c'os diabos, o homem tinha azar! E se calhar até se fartou de fazer tratamentos e depois - naturalmente - experiências noutros campos para ver o que acontecia, e ao que parece não aconteciam borbulhas; mas quando se aprobechava muito da sua cara metade, logo começavam as erupções. . .

Amigos: tomem cuidado não vos aconteça o mesmo, se encontrarem a senhor recém divorciada na Alemanha. . .

Um médico argentino acabou agora de destruir para sempre a romântica lenda do coração apaixonado.

Segundo o seu relatório, a faculdade duma pessoa se apaixonar, tanto platonicamente como da outra maneira reside numa região do cérebro que o sábio neurologista Juan Azcoaga chama o "núcleo amigdalino".

Segundo Azcoaga o comportamento do "núcleo amigdalino" parece explicar o mecanismo do amor: um estímulo exterior trazido pelos sentidos, ou um pensamento, é recebido pelo núcleo e dali remetido ao hipotálamo e à hipófise, onde se libertam hormonas, algumas das quais como as genodotrofinas, incorporam-se na corrente sanguínea e são a causa das palpitações, rubor, excitação e outros indícios amorosos - afirma Azcoaga, acrescentando: "Extirpado o núcleo amigdalino (quanto estiver doente), desaparecem a epilepsia e os maníacos sexuais, mas também a possibilidade de se apaixonar.

"Um indivíduo com o núcleo extirpado perde todo o interesse no seu par e não reage aos estímulos comuns à maioria dos mortais".

- Agora a gente em vez de dizer: "dou-te o meu coração!" tem que dizer - "Queres o meu núcleo amigdalino?"

# PASTILHAS PARA A TOSSE

cont. da pág. 14

EL-REI

- Não penseis mal de D. Patrício. Ele até me disse que eu me sentiria muito feliz quando as tomasse. . . E na realidade não me sinto mal. . .

D. BRIOLANJA

- Mesmo assim. . .

EL-REI

- Mas ainda gostava de saber. . .

D. PATRÍCIO

- Permittede-me, Majestade?

EL-REI

- Entraide, entraide, D. Patrício! Estaya agora mesmo contando a minha digna esposa que vós me tinheides oferecido nas festas uma mézinha para a tosse. . .

D. PATRÍCIO

- Ah, uma bagatela, Majestade, uma bagatela! Mas verreides que obrra milagres!

D. BRIOLANJA

- Retiro-me, senhores, se mo permitides. . .

EL-REI

- Pois ide, senhora, ide!

D. PATRÍCIO

- Senhora minha e nobre dama, os meus profundos respeitos!

EL-REI

- Mas dizeide-me D. Patrício, e perdoaide-me a inquisitorial dúvida: mas a que se deve o vosso caritativo interesse em curar-me uma que eu não tenho?

D. PATRÍCIO

- Pois quê? Acaso não haveides ainda descoberto para que servem as pastilhas que vos hei ofertado?

EL-REI

- Dissesteides que eram para a tosse. . .

D. PATRÍCIO

- Oh, inocente monarca! Pois sabeide que essas pastilhas são orriundas do Oriente, e são tomadas diariamente pelos sultões antes de visitarrem as suas odaliscas! Experimentaide uma que logo verreides!

EL-REI

- Ai, por isso eu tenho sentido assim a modos como uns comichões. . . D. Patrício, D. Patrício! E que devo agora fazer? Aconselhaide-me, homem! certamente não penseides que vá desencaminhar a estas horas D. Briolanja. . .

D. PATRÍCIO

- Senhor, com todo o respeito que vossa illustre esposa me merrece, parece-me uma pastilha muito mal empregada. . .

EL-REI

- Talvez tenhades razão! Mas então a quem hei-de eu. . . hei-de eu. . .

D. PATRÍCIO

- Majestade, não me faíades uma pergunta dessas! Vós que durante tantos anos mesmo sem pastilha, no vosso antigo reino. . .

EL-REI

- D. Patrício! Olhaide o que dizeides! Bem sabeides que no meu reino, além de D. Briolanja. . .

D. PATRÍCIO

- Majestade, bem sabeides! Foi o povo todo!

# Leonel

CABELEIREIRO DE HOMENS

Rua Gonçalves Crespo N.º 37-B Tel. 561880

MANICURE  
BAR

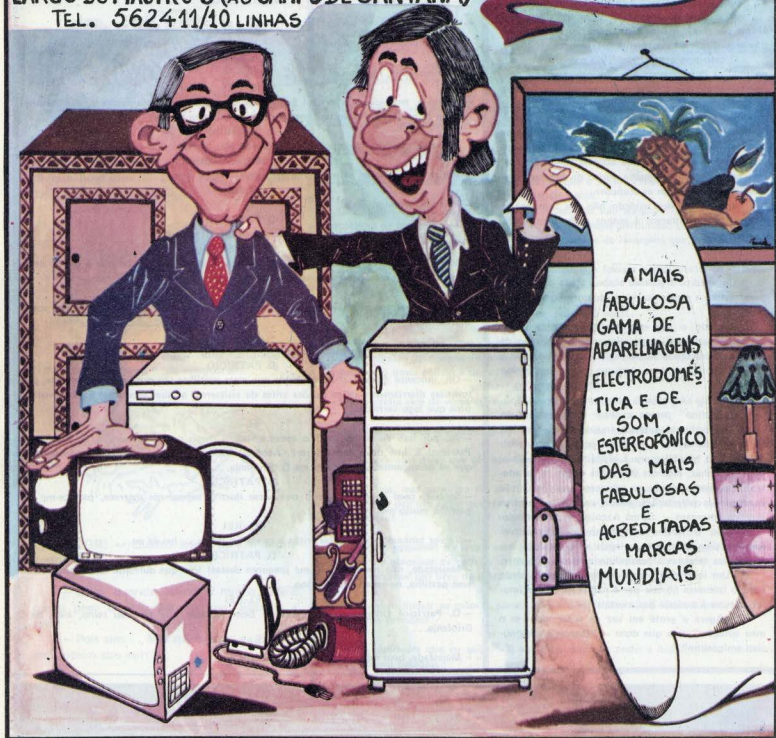
BOUTIQUE  
PERFUMARIA



# SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)

TEL. 562411/10 LINHAS



A MAIS  
FABULOSA  
GAMA DE  
APARELHAGENS  
ELECTRODOMÉSTICA  
E DE  
SOM  
ESTEREOFÓNICO  
DAS MAIS  
FABULOSAS  
E  
ACREDITADAS  
MARCAS  
MUNDIAIS

MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS  
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO  
"EPEDA" E "DELTALOC"